



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Morais Santos de, Clodomir

Contribuições para uma sociobiologia científica e a imprescindível mutação do discurso lógico-formal
da extensão universitária

EccoS Revista Científica, vol. 5, núm. 2, dezembro, 2003, pp. 113-129

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71550207>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CONTRIBUIÇÕES PARA UMA SOCIOBIOLOGIA CIENTÍFICA E A IMPRESCINDÍVEL MUTAÇÃO DO DISCURSO LÓGICO-FORMAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

*Clodomir Santos de Moraes**

*Doutor em Sociologia pela
Universidade de Rostock-
Alemanha; Professor da
Universidade Federal de
Rondônia e fundador do
Instituto de Apoio Técnico aos
Países do Terceiro Mundo –
IATTERMUND, Brasília, DF.

Introdução

Este texto foi produzido em 1998, como conferência de abertura do Congresso Ibero-americano de Extensão Universitária, realizado na Costa Rica. Nesta versão, revista e atualizada para publicação, propõe-se trazer elementos para discutir novos paradigmas para a extensão universitária, a partir dos aportes oriundos da Sociobiologia como referencial teórico, a fim de que se possa compreender, numa nova perspectiva, os desafios extensionistas para o século XXI. Isso porque, se antes o dinheiro era a medida de todas as coisas nas sociedades capitalistas, hoje parece haver uma nova medida social fundada na Biologia: a energia adquirida por meio do acesso às fontes de sobrevivência física e/ou social que nem sempre se traduzem monetariamente. Essa nova unidade de medida é importante para a compreensão da essência do fenômeno que produz a crise sistêmica geradora de exclusão social, de que sofre periodicamente o capitalismo. Esse é o cenário em que se apresentam tanto os desafios quanto as possibilidades para sua superação, no qual a extensão universitária pode jogar um papel relevante.

¹Neste texto se mantém o termo extensão muito mais por praticidade, por sabê-lo enraizado na cultura universitária, mas com o cuidado de deixar claro que deve ser interpretado, pelo leitor, na perspectiva adotada por Paulo Freire em seu livro *Extensão ou Comunicação?*, de 1977.

Com isso, o autor traz suas contribuições ao tema, sem pretensões de esgotá-lo, considerando que a proposta é antes gerar inquietações motivadoras que conceituações definitivas. Até porque, no caso específico da extensão, esta já foi muito bem definida por Paulo Freire (1977) que, em síntese, a entendia como um processo de intercâmbio dialógico, de comunicação respeitosa entre portadores de saberes diferentes, mas igualmente valorosos para efetivar contribuições à transformação social,¹ a partir da conscientização crítica dos participantes do processo de comunicação/extensão.

O que se discute, portanto, são as bases teóricas de uma proposta de prática extensionista que esteja voltada para a transformação estrutural, já largamente defendida por Paulo Freire, tratando, no entanto, da essência do problema dessa inserção para a inclusão social, a partir do novo paradigma da Sociobiologia. Nesse movimento, busca-se transcender, metodologicamente, a referida consciência crítica pregada por Freire, para a geração da consciência organizativa, adequada aos desafios de hoje (CORREIA, 2002, p. 72-82).

Um caso como exemplo para estudo: uma Universidade comprometida com a transformação social

Em 1973, fui honrado com um convite do presbítero Núñez Jiménez – destacado político e intelectual centro-americano de indelével memória, criador da Universidade de Heredia, Costa Rica – para participar da solenidade de abertura do claustro de seu recém-fundado estabelecimento de ensino superior.

Na platéia, a paisagem humana de um milhar de pessoas, entre convidados especiais e professores, manifestava claramente um cosmopolitismo peregrino, fruto da grande crise institucional que vivia a América Latina, em especial a América Central, cujos golpes de Estado, promovidos ao antojo das transnacionais, fizeram confluír, para a República Liberal da Costa Rica, cidadãos, professores e cientistas de quase todas as nacionalidades de nosso continente.

Assim, tínhamos o nascimento da Universidade Nacional da Costa Rica, conformada por uma considerável riqueza de quadros que, ao lado dos quadros autóctones, rapidamente iriam torná-la uma respeitável instituição universitária de

prestígio internacional. É compensador contemplar, hoje em dia, os professores e técnicos que, naquela solenidade de cinco lustros passados, eram jovens e agora, já de cabelos grisalhos, comprovam o desprendimento, a lealdade, a abnegação e o amor ao grão bem semeado pelo presbítero Benjamin Núñez Jiménez.

De Córdoba para Costa Rica e o nascimento da extensão universitária

Foi o mesmo padre Núñez Jiménez que participou do governo surgido da revolução burguesa da Costa Rica, encabeçada por José Figueres Ferrer, este importante prócer das transformações históricas costarriquenhas que, em 1918, havia sido protagonista da Revolução Universitária de Córdoba, Argentina, ao lado dos estudantes Haya de la Torre (peruano), José Arévalo (guatemalteco), Rómulo Betancourt (venezuelano).

O movimento de rebeldia dos estudantes da Universidade de Córdoba, de profundas conseqüências nas universidades e na própria história da América Latina, não foi, desde logo, um fato isolado, pois, além das idéias de Gonzalo Prada e de Mariátegui no Peru, os ventos do leste, ou seja, da Revolução de Dezssete na Rússia, haviam soprado por todo o planeta, fazendo surgir novas perspectivas para as alianças das classes despossuídas e para o acesso destas às universidades gratuitas, livres de discriminações. Segundo Berheim (1981), os movimentos de Córdoba foram a primeira confrontação entre uma sociedade que começava a experimentar mudanças em sua composição interna e uma universidade enquistada em esquemas obsoletos. Ademais, teve o afã de projetar o trabalho universitário no seio da coletividade, que foi um dos enunciados básicos do Movimento, dando origem – segundo o mesmo autor citando a Gabriel Mazo – a uma nova função para a Universidade Latino-americana, a função social, isto é, o propósito de pôr o saber universitário a serviço da sociedade e fazer de seus problemas (da sociedade) tema fundamental de suas preocupações. Essa nova função, no dizer do referido autor, representa, para vários teóricos das universidades latino-americanas, a que mais contribui para tipificá-la e distingui-la, em certo modo, de seus congêneres de outras regiões do mundo.

A extensão universitária em Costa Rica

A ação social que encarna a extensão universitária nascida em Córdoba presidiu, desde seus primeiros momentos de existência, a Universidade Autônoma da Costa Rica. Com efeito, não faltou, até o presente momento, a esta universidade, sensibilidade para enfrentar os problemas sociais que mais afetam os costarriquenhos extracâmpus: os operários atirados ao desemprego; os camponeses carentes de terra; a pequena burguesia a cada dia mais sacrificada; o meio ambiente permanentemente ameaçado; os direitos individuais dos cidadãos freqüentemente restringidos pela violência urbana; os direitos da mulher e dos adolescentes, além da inovadora experiência de autogestão, na sua Escola de Planejamento Social, dirigida pelo Prof. Miguel Sobrado Chaves que, durante vários anos, realizou diversos eventos de capacitação massiva em autogestão, aos quais se integravam professores, alunos e milhares de pessoas.

A essa jovem universidade se deve o decisivo empenho na estruturação de quase uma centena de empresas associativas ou comunitárias, geradoras de emprego e renda, algumas das quais estão entre as maiores e modelares empresas congêneres da América Latina, como a Cooperativa El Silencio e a La Vaquita.

Em consequência desse extensionismo universitário sistemático, essa Universidade capacitou um grande número de docentes e estudantes para o trabalho de organização da massa de desempregados.

Já nos primeiros passos dessa Universidade, o Prof. Jorge Mora Alfaro (IICA, 1977), um de seus catedráticos e ex-Reitor, estabelecia, em um de seus escritos sobre capacitação massiva, o seguinte juízo:

a capacitação de líderes ou de quadros dirigentes sem referir-se à teoria e à prática da organização é irremediavelmente uma capacitação deficiente, que pode ter consequências negativas pelo menos em dois sentidos: de uma parte, se pode criar uma elite com fortes possibilidades de desvinculação dos problemas da coletividade que originarão sua capacitação, através de canais de ascensão social acessível em seu novo *status* e, de outra, ao restar aos quadros e às massas o conhecimento técnico da organização, torna-os incapazes de evitar a *entropia* nos organismos sociais, provocada pela degradação destes e de seus integrantes e, por defeituosa ou inexistente vida orgânica, mumificada em atos litúrgicos.

A extensão universitária exportada por Costa Rica

A bandeira da organização dos excluídos para gerar postos de trabalho e renda, mediante a metodologia da capacitação massiva, foi conduzida por professores desta Universidade de Heredia a El Salvador, México, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Venezuela e Colômbia, em cujos países ensinaram a criar e a consolidar empresas de autogestão, a fim de elevar o nível de vida das populações carentes de centros urbanos e de áreas rurais. Dessa forma, a extensão universitária da Universidade Nacional Autônoma da Costa Rica não se limitou a ultrapassar os limites do campus e suas fronteiras nacionais, mas terminou cobrindo toda Mesoamérica, países do Caribe e da América do Sul.

Não é por acaso que a UNACR foi eleita a Universidade-âncora do *pool* de universidades européias e latino-americanas que levarão a efeito o Doutorado centrado no tema da Capacitação Massiva para a Autogestão de Empresas de Propriedade e Produção Sociais. A capacidade de exportar essa nova proposta de extensão universitária até hoje influencia outros países bem mais distantes: no Brasil, várias universidades federais optaram por ele e, com programas do governo federal e de organizações não-governamentais, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, têm tratado de aproveitar esse espaço para gerar transformação social.

Para compreender esse espírito dialógico e dialético da extensão costarriquenha, há que recordar não haver sido a Revolução de Córdoba a origem da idéia do intercâmbio de idéias e saberes universitários no mundo, embora o tenha sido para a América Latina. É preciso ir às origens. É preciso ir à África, para entender quem foi o precursor do extensionismo como hoje o conhecemos.

O embrião do extensionismo universitário

No século XII, foi criada a Universidade de Tombuctu no sul do Deserto do Saara, quase nos pântanos do Rio Níger, atualmente República de Mali, onde se conservam restos de suas ruínas, conforme reporta José Luís Pereira da Costa (1993, p. 7).²

²Convém esclarecer que a tradição histórica aponta Bolonha como a primeira universidade moderna, ou seja, uma organização destinada à veiculação dos saberes universais, surgida no século XII. Ocorre, no entanto, que a pesquisa bibliográfica realizada por este autor aponta como primeira universidade a de Tombuctu, na África.

É importante ressaltar que o eurocentrismo também ajuda bastante a manter por séculos, com crédito histórico, personagens que hoje já começam a cair no descrédito, como é o caso do próprio Marco Pólo, conforme se pode ver na Coleção “Aventuras na História”, de 2 de agosto de 2003, edição da revista Superinteressante, na matéria sob o título “Marco Pólo foi à China?”, onde o grande Marco Pólo é tido como “fantasioso”.

Desde lá, do coração da África tórrida, no afã do extensionismo universitário do tipo ‘messiânico’ (FREIRE, 1977), seu jovem geógrafo Ibn Batuta viajou, durante quase trinta anos, para o Mediterrâneo cartaginês, romano e grego, a fim de conhecer o mundo e sua história, em troca da difusão de avançados conhecimentos africanos e maometanos. Com esse plano, seguiu viagem para o Mar Negro, passando pelo Volga, Montes Urales e Mar Cáspio, até chegar ao Cáucaso azerbaijano e, após uma pausa de um ano em Samarkanda, capital do Império de Gengis Khan, enfrentou as grandes distâncias da Turcomênia, Uzbequistão, Sibéria, Mongólia e China.

Algum tempo depois, chegou-lhe a vez de viajar para Indochina, Península de Málaga, Malásia, Cingapura e Indonésia. O regresso à sua universidade de Tombuctu tratou de fazê-lo pela Índia, Caxemira, Paquistão, Afeganistão, Irã, Iraque, Turquia, Jordânia, Palestina, visitando, em seguida, Meca, na península da Arábia Saudita.

No entanto, não fatigado ainda de ditar, por quase 30 anos, milhares de conferências (que, em árabe, significa *Corão*), num extensionismo universitário baseado no proselitismo islâmico, o professor Ibn Batuta dirigiu-se ao sul da África, chegando até a Ilha de Zanzibar, famosa, desde aquela época, pela exportação do cravo de cheiro. Buscou regressar ao Mediterrâneo através do Rio Nilo, visitando a Etiópia, o Sudão e o Egito para, depois, chegar ao Marrocos e, em seguida, em uma caravana de camelos, atravessar o Saara e aparecer, já de cabelos grisalhos marcados pelo tempo e sofrimentos, na Universidade de Tombuctu e lá reassumir sua cátedra de Geografia e História do Mundo.

As justificativas para esse longuíssimo périplo era, digamos, uma singular extensão universitária inspirada no intento de ‘globalização’ do Islam, ao longo e ao largo do mundo conhecido, cujos confins orientais mais distantes, naquela época, estavam na Australásia, a Indonésia de nossos dias.

O eurocentrismo, que cerca a sede da UNESCO em Paris, nunca possibilitou a restauração da mesquita onde funciona, há mil anos, a primeira universidade do mundo; em contraposição, prestigia conventos jesuítas, europeus e latino-americanos, nos quais nasceram universidades muito menos antigas que a africana de Tombuctu. Além disso, deixa permanecer no olvido Ibn Batuta, o geógrafo viajante, extensionista universitário, que superou quase duas vezes as distâncias percorridas pelo europeu Marco Polo.³

Convém ressaltar que, ao inaugurar o extensionismo universitário, Ibn Batuta o fazia nas bases de uma postura dialógica, difundindo conhecimentos e ao mesmo tempo se dispondo a recebê-los, postura extensionista defendida, séculos depois, como de vanguarda, por Paulo Freire. Isso porque não só ensinava e difundia o Islã, mas também aprendia com o que vivia e interagia. Por essa razão, somente depois dessa grande viagem pelo mundo, viu-se em condições de iniciar sua atividade docente na Universidade de Tombuctu.

A diferença desse procedimento para o mero messianismo religioso, que Freire pedia não fosse confundido com extensionismo, era exatamente a busca de aprender com o outro, com o desconhecido, de intercambiar conhecimentos, para se sentir capaz de ministrar cátedras em uma Universidade.

Sobre as origens da globalização financeira e da exclusão social para compreender os desafios da extensão

Passados 600 anos depois de Ibn Batuta, nos atuais últimos anos do segundo milênio, África e Indonésia vivem outro tipo de globalização – a globalização da miséria e do desemprego presidida por outro deus todopoderoso: o Dinheiro. Este, adorado no ‘templo’ das Bolsas de Valores, desde logo deve suscitar outro tipo de extensionismo universitário.

Com efeito, como é de domínio público, existem 340 milhões de famintos na África e a morte por desnutrição ceifa, a cada minuto, a vida de três africanos; enquanto isso, a revista Visão, edição de 16 a 21 de agosto de 1998, informava que

com a firma Quantum Funds o célebre megaspeculador George Soros, que possui fundos disponíveis ao redor de 20 bilhões de dólares, é capaz de obter créditos 100 vezes maiores por meio do mercado dos derivativos e, em particular, dos detestáveis “hedge funds” [fundos de resguardo], popularmente conhecidos como cobertura de riscos. Ou seja, enquanto a Quantum Funds pode facilmente mover 200 bilhões de dólares, o quarto país mais povoado do planeta, Indonésia, se encontra incapacitado de conseguir nos seletos mercados de dinheiro sequer um quinto destes créditos bancários, onde se movem como peixes na água os megaspeculadores.

William Shakespeare (apud MARX, 1993, p. 183), no “Timão de Atenas”, assim destacava a onipotência do deus-dinheiro:

Primeiro, é a divindade visível, a transmutação de todas as propriedades humanas e naturais em seu contrário, a confusão e inversão universal de todas as coisas, capaz de irmanar das impossibilidades; Segundo, é a prostituta universal, o universal alcoviteiro dos homens e dos povos.

Marx (id. ib.), comentando essa ‘catarse’ do dramaturgo inglês, disse que:

A inversão e confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a conjugação das impossibilidades; a força divina do dinheiro radica em sua essência, enquanto que a essência genérica desterrada, alienante e auto-alienante do homem. É o poder alienado da humanidade [...] O dinheiro, enquanto possui a propriedade de comprar tudo, enquanto possui a propriedade de apropriar-se dos objetos, é, pois, o objeto por excelência. A vulnerabilidade de sua qualidade é a onipotência de sua essência; vale, pois, como ser onipotente [...] Se o dinheiro é o vínculo que me liga à vida humana, que liga à sociedade, que me liga com a natureza e com o homem, não é o dinheiro o vínculo de todos os vínculos? Não é também por isto o meio geral de separação? É a verdadeira moeda divisória, assim como o verdadeiro meio de união, a força galvano-química da sociedade.

Para esclarecer esse caráter ilimitado do dinheiro e a força com que comanda todos os músculos da atividade humana, há que ir mais fundo, é preciso chegar à divisão social do trabalho (germe do conhecimento e da linguagem social) que fez surgir a mercadoria, paralelamente à propriedade privada, que é a célula da economia mercantil, cuja expressão exponencial, o dinheiro, propicia, em forma de movimento, a solução das contradições do valor de uso e do valor de troca.

Ambos são gerados, respectivamente, pelo trabalho concreto (o dispêndio de energia do produtor) e pelo trabalho abstrato (no mercado), revelador do tempo socialmente necessário para produzir a mercadoria. De fato, as relações entre seres humanos, comunidades, povos e países se manifestam com a mesma clareza na esfera do intercâmbio. A produção mercantil não só inter-relaciona as pessoas, como também sujeita aqueles alcançados pela circulação mercantil.

A novela *O Grande Norte*, de T. Siomúchkin, mostra eloquentemente como, antes de 1917, os indivíduos de uma comunidade de caçadores e pescadores lapões ligavam-se ao resto dos telúricos. Eles viviam no norte da Sibéria, ao ocidente da longínqua Ilha de Wrangel, e estavam sempre pendentes da visita anual de um único barco que, no degelo do Estreito de Behring, conseguia penetrar no Oceano Glacial Ártico. Charleston, possivelmente um prófugo da justiça norte-americana, dono do único armazém, enorme bodega daquela aldeia de lapões, comprava suas mercadorias (em geral peças finas de foca e presas de leão-marinho) pelo que trazia no barco: chá preto da Índia empacotado na Inglaterra; chocolates suíços e holandeses feitos com o cacau de Gana ou da América Central; café da Etiópia empacotado na Itália; alguns tecidos chineses exportados por ingleses; facões e machados Solingen, da Alemanha; rifles e escopetas de caça e uma variedade interminável de utensílios de alumínio para cozinha e mesa – chaleiras, frigideiras, panelas etc. Durante o ano, Charleston adquiria centenas de peles dos lapões, em troca de insignificantes chaleiras e panelas de alumínio ou de pacotes de chá da Índia; um ou outro rifle, cujo preço equivalia a uma pele de raposa prateada, facilmente trocável (mercê da ignorância do comprador) por dez peles que o proprietário do barco negociava com seus consignatários em São Francisco da Califórnia, enquanto os revendedores, em Nova Iorque, Paris, Tóquio, Londres e Viena, obtinham facilmente dos consumidores finais dinheiro suficiente para comprar armas de todo um batalhão: era a energia despendida no trabalho concreto de modestos caçadores dos bosques supergelados da Cordilheira de Verkoyansky; energia regada por milhares e milhares de quilômetros, mediante a vasta rede de artérias da circulação mercantil espalhada em três continentes.

Obviando o referencial dinheiro e fixando na energia representativa do trabalho que o encarna, Antonio Peña e George Dreyfus (1997, p. 97-98) falam sobre

um trabalhador alemão que, no total do processo produtivo, gasta 225 mil kilojoules de energia operando com uma gigantesca máquina que extrai 20 mil toneladas de carvão por dia, as quais, por sua vez, vão produzir mais 165 milhões de joules/hora. Isso significa que esse indivíduo produz uma quantidade de energia quase 500 mil vezes maior que seu gasto total diariamente.

E logo fazem a comparação desse trabalhador alemão com um agricultor de um país do Terceiro Mundo que, ao contrário, não usa despertador elétrico, não se banha com um chuveiro elétrico, tampouco consome energia elétrica no desjejum, nem usa automóvel para deslocar-se até o local de trabalho. Dito agricultor remove a terra com um arado de tração animal e trabalha em seu minifúndio com a ajuda de esposa e filhos, resultando em pequena produção que cobre apenas sua subsistência. No que se refere à energia, esse agricultor produz somente 42 vezes o valor de sua própria força de trabalho, ou seja, muito pouco se comparado com aquele trabalhador do país desenvolvido.

Isso se deve à tecnologia utilizada que, no caso do produtor alemão, permite incrementar a relação de energia despendida com a energia produzida. No caso do camponês, pelo fato de investir pouca energia em sua pequena propriedade, produz uma quantidade quase insignificante de energia. Tanto aquele trabalhador do primeiro mundo, que maneja uma moderna e poderosa máquina extratora de carvão, quanto o agricultor de um país subdesenvolvido, que opera com arado movido a bois, estabelecem entre si, por meio das relações globais de comercialização, vínculos ainda que indiretos. Pode ser que estejam separados geograficamente, porém a imensa rede do sistema de intercâmbio da economia mercantil capitalista, como se fosse um sistema de vasos comunicantes, os mantém articulados e, como tal, um dependendo do outro em escala planetária.

Aqui, seguramente, a bomba de sucção do intercâmbio mercantil em nível internacional levará, para o mundo desenvolvido, os lucros resultantes da desfavorável relação de energia despendida com energia produzida no terceiro mundo. Isso vale dizer que as condições saudáveis de um produtor do primeiro mundo resultam da sucção da energia despendida por milhares de produtores do terceiro mundo – a elevada esperança de vida daquele se alimenta da reduzida esperança de vida destes.

Elementos para um novo paradigma na extensão: o da Sociobiologia

Nessa linha de raciocínio, é um equívoco imaginar que a tecnologia de ponta, montada com o auxílio da informática e da robótica, predominante no

famoso G-7, grupo dos sete países mais ricos do mundo, dispense a participação e até a existência dos outros 174 países que conformam a comunidade internacional. O conceito de marginalidade – local, nacional ou mundial – é falso, porque ninguém pode estar à margem da economia capitalista, se já foi alcançado pela circulação mercantil.

Quer dizer que, nesse caso, as comunicações informatizadas, o microcomputador ou a Internet vieram apenas acelerar a apropriação da mais-valia mercê da interdependência mundial de todos os cidadãos inseridos na gigantesca teia de aranha das relações de intercâmbio, instaurada desde quando o Código de Morse navegou em cabo submarino ou em ondas hertzianas captáveis pelo detector de Brangli. Nos termos de Peña e Dreyfus (1997):

Ao degradarem-se as moléculas das células [segundo], a energia se transforma ou se “dissipa” em forma de calor. O balanço é, afinal de contas, que uma grande parte da energia que se requer para levar a cabo esta constante renovação de seus componentes está contida nos alimentos dos seres vivos.

Esses alimentos, no intercâmbio mundial, são designados mercadoria ou dinheiro. Quanto ao transporte biológico, vejamos: “os organismos que estamos acostumados a ver na vida diária, inclusive nós mesmos, têm a necessidade de tomar do exterior, substâncias para viver” (op. cit.).

Contudo, a vigilância necessária para não ser prisioneiro do mecanicismo vulgar e, menos ainda, das tendências energetistas que afloraram na sociologia política do século passado sempre haverá de levar em conta que a diversidade do conhecimento humano não discrimina e não exclui, mas ameniza os avanços das diferentes ramificações científicas. O exemplo mais eloqüente disso reside na importante contribuição da escrita contábil, ou seja, a contabilidade de partida dupla – escrita resultante da práxis cada vez mais complicada das transações mercantis do início do nosso atual milênio. Segundo Sombart (1919), o fato de a contabilidade de partida dupla ser o primeiro sistema que o ser humano foi capaz de construir e entender (com o movimento de entrada e saída, ou seja, de retroalimentação) facilmente conduziu Copérnico e Galileu ao entendimento da mecânica celeste do sistema solar, enquanto Harvey e Malpighi, no campo da Biologia, puderam conceber o sistema circulatório.

Em razão da encruzilhada com que se depara hoje em dia a humanidade, em plena crise laboral e ecológica do progresso técnico, seus protagonistas terão de criar experimentalmente os mais distintos espectros que ajudem na leitura, equação e solução de seus enormes problemas, cujas conseqüências, esclareça-se, serão imprevisíveis. O planeta se funde vertiginosamente em parâmetros e critérios éticos incompreensíveis, tais como:

- as linhas de financiamento da Comunidade Européia para que seus agricultores não produzam alimentos, quando um terço da população da Terra padece de fome epidêmica, resultando em milhões e milhões de óbitos por desnutrição;
- a conversão do terrorismo vulgar na vulgarização do terrorismo de Estado;
- a volúpia das políticas de privatização que conduzem à indiferença, em relação à pletera mundial do desemprego e seu corolário imediato, a miséria e a violência entre indivíduos, entre povos e entre nações;
- a mistificação ao identificar como povo faminto os cubanos, que ganham sistematicamente a maioria das medalhas de ouro atribuídas aos países latino-americanos nas Olimpíadas, ou os coreanos do norte que lançam satélite com tecnologia própria.

Toda essa fenomenologia especialmente trágica do fim de milênio rompe o esquema lógico-formal da extensão universitária nascida em Córdoba há oitenta anos. O pior de tudo é que o fetichismo, no qual o dinheiro e a circulação mercantil se envolvem, leva os indivíduos a não sentir a gravidade do processo violento em que se vive e o confronto armado em escala mundial que se vislumbra. Daí ser necessário substituir o enfoque lógico-formal, já que o mesmo capital volátil que transformou os tigres asiáticos (exemplar eloqüente do êxito capitalista) em tigres de papel ameaça afundar a gigantesca economia japonesa e põe a tremer os povos mais distantes, com o crack da economia russa, ou os mais próximos, como tem sido o caso da Argentina.

Em decorrência disso, não devemos pensar tão-somente em termos econômicos. Temos que recorrer à Biologia e tomar como unidade de medida, para propor ou avaliar projetos de transformação social, a energia de que um ser

humano necessita como unidade vital – 2,1 mil calorias – que, em uma parte do planeta, acumula-se em forma de riqueza, em detrimento de milhões de indivíduos que não conseguem alcançar metade desse teor calórico. Essa riqueza é conseguida (enquanto trabalho consumidor de energia) com a eliminação de alguns milhões do mercado de trabalho e outros tantos da própria existência vital, pela desnutrição.

A Sociobiologia como ciência em construção

Aqui, permito-me apresentar uma modesta proposta: que a Sociologia não se apóie somente nos critérios ou parâmetros da Economia para explicar aos recipiendários da extensão universitária o complexo momento em que vivemos. Que ela recorra também à Biologia porque a linguagem desta ciência explica melhor o que é a fome, sem o que resulta difícil convencer as massas de pobres (a maioria da população do planeta) dos recursos gastos em propostas e projetos extensionistas para superá-la.

É, pois, um modesto chamamento a todos os pesquisadores e extensionistas universitários e seus orientadores, para tentar a formulação dos primeiros princípios que tragam, em seu bojo, a fundação de uma sociobiologia científica nascida da prática conscientizada dos que trabalham com as massas de pobres, carentes, necessitados, vítimas da praga mundial do desemprego estrutural.

Inicialmente, tentemos definir tal subárea das ciências sociais como o tratado da ação das leis sociais (correspondente à forma superior de organização da matéria) sobre o movimento e o desenvolvimento da matéria regida por leis biológicas. Ela terá de preocupar-se com os três grupos fundamentais de fenômenos do mundo material: os da vida social, os da natureza orgânica e os da natureza inorgânica.

No entanto, há que dar atenção principalmente aos fenômenos da vida social, responsáveis que são pelo gigantesco salto da evolução do Homem, se forem consideradas as mudanças havidas em seus quinhentos séculos de existência e comparadas com o milhão de anos anteriores que marcaram o ritmo das leis da evolução biológica humana.

Com essa ramificação científica, lograr-se-á contrapor às teses anti-historicistas de biologização do Homem, algumas vezes inseridas na Antropologia e outras na Psicologia Social, por meio da qual preditam a inferioridade da mulher ante o homem, as teses racistas de inferioridade dos negros ou dos indígenas e ainda, não raras vezes, teses desenterradas das concepções filosóficas nietzschianas da origem biogênica dos homens superdotados do futuro.

É certo que “o homem é de procedência biológica, porém de origem social, ou seja, um ser sociogênico” (PAVLOV, 1973, p. 28). Tanto é assim que “não se forma no Homem nenhuma atividade especificamente humana, sem a ação da sociedade sobre o indivíduo e sua capacitação.” Nesse particular, Pavlov joga luzes ao referir-se ao que afirmara Friedrich Engels a respeito da mão, considerando-a “não só o órgão do trabalho, porém também produto do trabalho” (id. ib).

Com base nisso, Todor Pavlov afirma que, em prol do desenvolvimento dos instrumentos de trabalho, o Homem transforma (desenvolve e aperfeiçoa) os órgãos que lhe servem para a percepção sensível e para a reação objetivo-sensível e suas (respectivas) funções. Por outras palavras, transformando o mundo que o rodeia, o Homem transforma a si mesmo.

Capacitação massiva: método para uma nova extensão universitária

Para enfrentar um fenômeno massivo como o desemprego, a pobreza e a fome, deve-se recorrer à Metodologia de Capacitação Massiva, usada nos programas de organização de geração de emprego e renda em diversas partes do mundo. Parte-se do princípio de que a adequada organização, em forma de empresa, dos próprios beneficiários constitui o principal insumo de quaisquer movimentos destinados a socializar as oportunidades de emprego, do conhecimento técnico-científico e o bem-estar das grandes massas.

Somente com uma profunda ‘revolução’ na extensão universitária é que se poderá criar o alicerce de um movimento universitário de geração de emprego, impulsionador de muitos cursos simultâneos que ponham em evidência as reais

necessidades das comunidades pobres e suas idéias identificadoras de projetos socioeconômicos que os milhares de alunos integrados (desde o primeiro dia de classe) à pesquisa acadêmica devem tornar viáveis.

O movimento ensinará pleoras de cursos simultâneos de capacitação organizacional e ensino massivo multidisciplinar com direito a certificados de Extensão Universitária, envolvendo milhares de pessoas dos bairros mais carentes com vistas à formação de técnicos médios em economia, saúde, eletricidade, elaboração de projetos, administração, biologia, socorros urgentes, esportes e educação física, geografia, pesquisas sociais, história, contabilidade, informática, idiomas, sociologia, filosofia etc. Em cada curso desses realizados *in loco*, no bairro, com regime regular e em horário apropriados às comunidades carentes, cobrar-se-á por dia a insignificância de, digamos, R\$ 1 (um real) por pessoa, para remunerar os ativistas e cobrir os custos de apostilas simples. Para o aluno sai mais barato do que o que ele gastaria em passagem de ida e volta aos cursos no centro da cidade.

A experiência tem demonstrado mundialmente que, com os altos índices de desemprego, os excluídos tendem a interessar-se por melhorar seus currículos, buscando capacitar-se, agregando cursos novos ou os de reciclagem. E esse é o atrativo para que, simultaneamente à capacitação técnica, lhes seja proporcionada a capacitação organizacional, que a eles servirá não só para fins empresariais, depois de formados, mas para resolver outros problemas da coletividade.

Esses tipos de cursos já foram realizados com êxito pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho e na região de Ji-Paraná, freqüentados diariamente por milhares de pessoas, durante 40 dias, em locais que elas mesmas encontraram (escolas, templos etc.) ou construíram com lonas e bancos rústicos.

Esse movimento universitário constituiria o sonhado passo de fazer as universidades (professores e alunos) baixarem do Olimpo, mediante uma nova definição de extensão universitária que deve emancipar-se das elites, do asfalto, dos ‘carros-zerados’, para servir ao povo e às grandes massas que de algum modo contribuem, direta ou indiretamente, para o funcionamento do ensino superior.

Considerações Finais

Aqui, pois, estão os pressupostos que emoldurarão a Sociobiologia Científica e sua inserção nos trabalhos extensionistas, para cuja fundação convidamos os pesquisadores interessados em desafios do gênero, em especial aqueles do Brasil e de Costa Rica, países que já investiram em extensão e pesquisa nessa direção. Só assim se poderá fazer oposição às tendências biossociológicas e biopsicológicas tão em moda há mais de um século e em rota de colisão com o Materialismo Histórico e com o Materialismo Dialético.

Faço aqui este chamamento modesto em retribuição ao honroso convite que no passado me foi feito pelo presbítero Núñez Jiménez para a abertura do Claustro da Universidade Nacional da Costa Rica.

Faço-o também, neste momento, porque creio plenamente na capacidade intelectual e na inquietação científica dos costarriquenhos e dos que fazem e honram a jovem e querida Universidade de Heredia, que hão de encontrar contrapartes no quadro de pesquisadores das universidades brasileiras e mesmo de outros países, interessados em formar uma rede ampliada de pesquisadores, capazes de transformar não só a extensão universitária, mas toda a concepção de universidade que se tem, ainda hoje, muitas vezes distante dos desafios propostos por Ibn Batuta e pela Revolução Universitária de Córdoba, que deixaram a lição de socializar o conhecimento universitário, transformando a realidade.

REFERÊNCIAS

- CORREIA, Jacinta Castelo Branco. De Paulo Freire a Clodomir Santos de Moraes: da consciência crítica à consciência organizativa. In: RAFF, Carmen; SOBRADO, Miguel (Org.). *Um futuro para os excluídos*. Porto Velho: Edufro/Zed Books, 2002.
- _____. *Comunicación y entropía en las empresas autogestionarias*. Porto Velho: Edufro/UACH/lattermund, 2002.
- COSTA, José Luís Pereira da. Há mil anos surgia na África a Primeira Universidade. *Zero Hora*. Porto Alegre: 1993, p. 7.

- BERNHEIN, J. TUNNERMAN. *Notas sobre la conceptualización de la extensión universitaria*. In: *Cuadernos de Extensión Universitaria*. Cidade do México: UNAM, 1981.
- BOAKEN, Alberto Adu. *Topus ni West African History*. National University. Enciclopedia Universal Ilustrada- v. I, Barcelona: Ediciones Nauta, 1980.
- FARIA, Álvaro de. *Introdução ao estudo do formalismo e das contradições*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1960.
- FREIRE, Paulo. *Extensión o comunicación – la conscientización en el medio rural*. Cidade do México: Siglo Veintuno, 1977.
- JOYANES, Luis. *Cibersociedad, los Retos Sociales Ante un Nuevo Mundo Digital*. Madrid: MC Graw-Hill, 1997.
- LABRA, Ivan. *Por uma psicologia social científica*. Brasília: IATTERMUND, 1994.
- LANGE, Oskar. *Economia Política*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1966.
- LERTORA, Adolfo C. *Estructura del hombre*. Buenos Aires: Ediciones Silabas, 1974.
- MARX, K. *Manuscritos Economía y Filosofía*. Barcelona: Atalaya, 1993.
- PAVLOV, Todor. *Die widerspiegelungstheorie. Grundfragen der dialektishmaterialistischen Erkenntnistheorie*. v. I, Deutscher Verlag der Wissenschaften, Berlim.
- PEÑA, Antonio; DREYFUS, Georges. *La Energía y la Vida Bioenergética*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- ROSEMBERG, David. *Comentario a los Tres Tomos de “El Capital”*. Cidade do México: Quinto Sol, 1985.
- SARIEGO, J.; GONZÁLEZ, H.; ALFARO, JORGE MORA 1977. *Seminario Taller de Capacitación en Organización: El caso de la Cooperativa “El Tigre”*. IICA, São José, Costa Rica.
- SIOMUCHKIN, T. *O Grande Norte*. São Paulo: Vitória, 1956.
- SOMBART, Werner. *Der Moderne Kapitalismus*. Munich-Leipzig: Nome da casa editora, 1919.